



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4101>

MULHERES EM TEMPOS DE PANDEMIA: A COTIDIANIDADE, A ECONOMIA DO CUIDADO E O GRITO UTERINO!¹

*Women in times of pandemic:
the daily life, the economy of care and the uterine scream!*

Claudete Beise Ulrich²
Marga Janete Ströher³
Nivia Ivette Núñez de la Paz⁴

Resumo: O presente artigo reflete sobre a realidade das mulheres em tempos de pandemia. A problemática que envolve o presente trabalho parte da pergunta: como tem sido a experiência das mulheres na pandemia do coronavírus (Covid-19), devido ao acúmulo dos cuidados como tarefa feminina e o grito uterino que vem dessa situação? Para responder a essa questão, buscamos referências da teologia feminista, que parte do princípio da experiência das mulheres para a análise da realidade e a reflexão teológica e que coloca a vida mesma em sua amplitude como critério hermenêutico. A metodologia utilizada é bibliográfica, a partir de artigos de revistas, entrevistas e livros. Além do mais, somos três mulheres, profissionais, afetadas também pelo *home office* que se mistura com o trabalho da casa e a necessidade de uma nova organização. O processo de ensino aprendizagem da pandemia tem sido cruel e tem afetado, especialmente, a vida das mulheres. A casa, que deveria ser um lugar seguro, apresenta-se para muitas como um lugar de perigo constante. Muitos trabalhos de cuidado remunerados ou não são realizados pelas mulheres. Historicamente o cuidado tem sido delegado às mulheres, sendo, por um lado, exaltado como parte do ser/fazer feminino (mãe e dona da casa) e, por outro lado, é um trabalho não remunerado ou mal remunerado (enfermeiras, assistentes sociais). Apresenta-se o artigo em três partes: a experiência das mulheres, a necessidade de reinventar a economia do cuidado e o grito uterino que ecoa com justa indignação. Evidencia-se que a pandemia visibilizou questões preexistentes: o aumento do cuidado sob os ombros das mulheres seja em casa ou nas diferentes profissões em que as mulheres estão na linha de frente, a violência contra as mulheres. A pandemia acentua a desigualdade social, racial e de gênero

¹ O artigo foi recebido em 30 de julho de 2020 e aprovado em 06 de outubro de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutora. Faculdade Unida de Vitória/ES. E-mail: claudete@fuv.edu.br

³ Doutora. Escola Virtual do Instituto Nacional do Seguro Social/INSS. E-mail: margastroher@gmail.com

⁴ Doutora. Universidad Internacional Iberoamericana – UNINI e Universidad Europea del Atlántico – UNEATLANTICO. E-mail: nnpaz@hotmail.com

da sociedade brasileira, sendo que as mais atingidas são mulheres pobres, negras, pardas, idosas e com deficiência. O grito que nasce do feminismo clama por uma reinvenção do mundo que habitamos.

Palavras-chave: Mulheres. Pandemia. Cotidianidade. Economia do cuidado. Teologia feminista.

Abstract: This article makes a reflection about women's reality in times of Pandemic. The problem surrounding the present work starts from the question: How has been the experience of women during the Coronavirus (Covid-19) pandemic, due to the accumulation of care as a "female task" and the uterine scream that comes with this situation? To answer this question it is looked into references from the Feminist Theology, that works from women's experiences to analyze the reality and theological reflection, which puts life in its own extent as a hermeneutic criteria. The methodology used was bibliographic research, from journal articles, interviews and books. In addition, we are three women, professionals, also affected by the home office that mixes with the house's work and the need for a new organization. The teaching-learning process during the Pandemic has been cruel and has affected, especially, the lives of women. The house, that should be a safe place, presents itself to many as a place of constant danger. Many paid and unpaid care jobs are performed by women. Historically, "care" has been delegated to women, on the one hand, been exalted as part of the female being/doing (mother and housewife) and on the other hand, it is an unpaid or underpaid work (nurses, social workers). The article is presented in three parts: the experience of women, the need to reinvent the tradition of care, and the uterine scream that sounds now with indignation. The pandemic highlighted pre-existing issues such as the increase in care under the shoulders of women, whether at home or in the different professions that women are on the front lines, and violence against women. The Pandemic accentuates the social, racial, and gender inequality in Brazilian society, with the worst affected being poor, black, brown, elderly, and disabled women. The scream that is born from feminism calls for a reinvention of the world we inhabit.

Keywords: Women. Pandemic. Daily life. Care economics. Feminist Theology.

Introdução

A pergunta que mais está sendo feita ou escutada nestes tempos pandêmicos é: sairemos ou seremos, após vírus/doença/morte, melhores como pessoas, como seres humanos? É como se o vírus em si mesmo tivesse o poder de transformar uma humanidade que por séculos tem permitido, quando não cultuado, as dissimiles guerras. Como se não existisse passado e esse passado não recolhesse uma "Gripe Espanhola – 1918" (para citar só um exemplo), e essa própria gripe – aliás, sem ser na verdade espanhola de origem – tivesse deixado alguma geração melhor. A crise do coronavírus (Covid-19), como temos afirmado, deixa à mostra o que verdadeiramente somos como humanidade: as relações assimétricas de poder, o patriarcado, o machismo, o androcentrismo, o individualismo, o racismo, a exploração, a escravidão, a subjugação, a crueldade da lei do mercado num tempo neoliberal que converte em objeto mensurável todo ser vivo, tirando lucro ou descartando segundo a sua percepção e necessidade.

A pandemia aumentou a sobrecarga do cuidado sobre os ombros das mulheres. As medidas de contenção devido à doença por meio do isolamento físico, suspensão das aulas, a exigência de que as famílias ficassem em casa, acarretaram uma sobrecarga para as mulheres. As mulheres, mesmo quando trabalham fora do ambiente da casa, realizam grande parte do trabalho doméstico. Os trabalhos de cuidado das crianças, de pessoas idosas e com deficiência ainda continuam, em grande parte, sendo responsabilidade das mulheres. Muitas delas tiveram que realizar seu trabalho profissional em casa (*home office*) e contaram com pouca ajuda dos maridos, companheiros e outros membros da família.

Nem todas as mulheres podem ficar em casa. Em muitas categorias profissionais, são mulheres que estão na linha de frente. Registra-se, por exemplo, professoras, assistentes sociais, faxineiras, diaristas. No sistema de saúde, na linha de frente dos cuidados prestados às pessoas infectadas pelo vírus estão mulheres, como enfermeiras ou técnicas de enfermagem, assistentes sociais. Além do mais, a violência contra as mulheres cresceu na pandemia.

Essas são algumas experiências das mulheres brasileiras neste tempo do coronavírus (Covid-19). A experiência das mulheres é critério hermenêutico das teorias e da teologia feminista. Portanto o presente artigo reflete, primeiramente, sobre as experiências das mulheres e/na pandemia. O espaço da casa que deveria ser lugar seguro e não é, a economia do cuidado que pesa sob os ombros das mulheres e o grito uterino que clama por novos tempos. A metodologia utilizada é basicamente bibliográfica. Serviram de base artigos de revistas, entrevistas e livros. O texto foi construído por três mulheres profissionais que no momento se encontram em isolamento físico, mas não social. O *home office* se misturou com o trabalho da casa, mas a sororidade, a conexão uma com a outra está fortalecendo as três nesta crise sanitária devido à Covid-19.

Não há respostas, mas necessitamos pensar, perguntar, refletir, dialogar... A teologia feminista, que tem como ponto de partida a experiência, assume o cotidiano da vida das mulheres como o primeiro passo para visibilizar e tirar do ocultamento o que se passa com a vida das mulheres. O cuidado necessita ser repensado e reinventado como parte essencial da sustentabilidade da vida. Ouçamos os gritos, os clamores; é assim que inicia o processo de libertação e que na tradição bíblica é Deus escutando o clamor de seu povo (Êxodo 3.7). O futuro justo e sustentável para o qual se precisa rupturas radicais e urgentes tem iniciado com o grito uterino no presente, mulheres feministas que sem receio bradam! A pandemia do coronavírus nos interpela à criatividade da reinvenção do cuidado da vida em todos os aspectos.

Experiência das mulheres e/na pandemia

Iniciamos nosso texto falando da experiência, considerando que experiência tem se colocado como critério hermenêutico das teorias e da teologia feminista. “A singularidade da teologia feminista não reside em seu uso do critério da experiência, mas, antes, em seu uso da experiência *das mulheres*, que no passado foi quase que excluída

da reflexão teológica.”⁵ E esse critério, conforme Rosemary Ruether, é uma força crítica que revela que toda a teologia clássica baseia-se na experiência masculina.⁶

O conceito de experiência é um elemento chave dentro da teoria e prática feministas porque reconhece o papel que os eventos de nossas vidas e o nosso envolvimento pessoal têm nas formulações teóricas, sejam de cunho histórico, político ou teológico. Nossas experiências definem a nossa percepção de Deus, de nós mesmas, das pessoas e do mundo à nossa volta.⁷

Bell hooks defende inclusive que a escrita das mulheres deve sempre partir da experiência concreta, que a prática feminista deve partir da experiência do que acontece no cotidiano das pessoas.⁸

Mas não existe *uma* experiência feminina essencial ou universal, mas uma diversidade de experiências, pois os contextos, as realidades e as condições socioeconômicas e culturais, geográficas e étnicas das mulheres são muito diferentes entre si. Toda experiência é histórica e socialmente localizada e simbolicamente representada.

Precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que *têm* experiências, mas os sujeitos são *constituídos através da experiência*. A experiência torna-se não a origem de nossa explicação, não a *evidência autorizada* que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz.⁹

As experiências das mulheres as constituem como sujeitos, constroem sua identidade e produzem conhecimento. Contudo, a experiência como categoria hermenêutica e epistemológica¹⁰ sempre precisa ser intencionalmente histórica, contextualizada e política, a fim de não se tornar, como nos alerta Joan Scott, uma categoria naturalizada ou levar a fundamentalismos. A “experiência é, ao mesmo tempo, já uma interpretação e algo que precisa ser interpretado”¹¹.

⁵ RUETHER, Rosemary. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1993. p. 18. Grifo da autora.

⁶ RUETHER, 1993, p. 18-19.

⁷ DEIFELT, Wanda, Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER. *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2003. p. 175.

⁸ HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins. O apelido escolhido para assinar suas obras é uma homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó e de sua bisavó (Bell Blair Hooks). A inscrição em minúsculo é, segundo as suas próprias palavras, porque “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”.

⁹ SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; SOUZA, Mara Coelho de Lago; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises, leitura*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 22. Grifos nossos.

¹⁰ Empregamos a expressão epistemológico/epistemologia intencionalmente como contraponto às estruturas dominantes do *logos*.

¹¹ SCOTT, 1998, p. 48.

Elisabeth Schüssler Fiorenza propõe uma hermenêutica crítica feminista da libertação, considerando a simultaneidade das experiências das mulheres, tanto como realidade de opressão quanto como sua busca por caminhos e processos de libertação.¹² Uma hermenêutica crítica, pois, analisa e desconstrói as estruturas patriarcais de opressão e de libertação porque está ancorada na luta por libertação.

A experiência e o contexto podem ser a fronteira de onde fazemos as nossas perguntas e delimitamos nossos caminhos – a nossa periferia, os limites impostos, as restrições, as contradições cotidianas, os espaços ocupados ou inacessíveis, a limitação de nossos tempos, o controle dos nossos corpos. Ao mesmo tempo, transformam-se em aberturas e possibilidades de formular novas perguntas, sugerir outras respostas, ocupar novos espaços e encontrar novos caminhos para pensar a mudança. Esse é o desafio da hermenêutica feminista.

O descortinar da casa – o ambiente doméstico

A partir dos referenciais da experiência das mulheres, buscamos descortinar o mundo da casa no contexto do coronavírus e o que isso representa para o cotidiano das mulheres no ambiente doméstico e profissional. A pandemia expõe o trabalho das mulheres na casa e, ao mesmo tempo, transforma o mundo da casa como espaço de trabalho (teletrabalho ou *home office*).¹³

A pandemia tem mostrado quão “naturalizado” tem sido o cotidiano doméstico familiar como lugar e responsabilidade das mulheres e diametralmente desigual e sem equidade em relação aos homens.

Além da violência que aumenta com a quarentena, o fato das pessoas estarem em casa escancara a desigual economia do cuidado, em que a responsabilidade e sobrecarga do trabalho doméstico e dos cuidados com doentes, crianças e idosos são das mulheres.¹⁴

Isso também escancara que “quando o Estado não protege e nos abandona, é aí que a pandemia tem gênero, porque o cuidado cabe às mulheres”, como diz Débora

¹² FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Discipulado de iguais*: uma ekklesia-logia feminista crítica da libertação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 175. Sobre a questão da experiência vivida pelas mulheres e o caminho de libertação confira BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*: a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2.

¹³ Considera-se *teletrabalho* a prestação de serviços preponderantemente fora das dependências do empregador, com a utilização de tecnologias de informação e de comunicação que, por sua natureza, não se constituam como trabalho externo (cf. Lei nº 13.467/2017, artigos 75-A ao 75 e da CLT). *Home office*, por sua vez, se caracteriza quando o trabalho é realizado remotamente de maneira eventual na residência do empregado, podendo ou não configurar a hipótese de teletrabalho. LANTYER, Victor Habib. Teletrabalho e home office no contexto do coronavírus (covid-19). Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/81903/teletrabalho-e-home-office-no-contexto-do-coronavirus-covid-19>>. Acesso em: 27 set. 2020.

¹⁴ BEVILACQUA, Paula Dias. *Mulheres, violência e pandemia de coronavírus*, Fiocruz, 2020. Disponível em: <<http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/artigo-mulheres-violencia-e-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

Diniz.¹⁵ Por isso é necessário desnaturalizar essa concepção e politizar o cotidiano, pois ali também se dão as relações sociofamiliares de poder. Mesmo que a mulher tenha seu trabalho fora, ainda lhe é atribuída a responsabilidade pelas questões domésticas, como limpar, cozinhar, organizar, cuidar de filhas e filhos, de doentes e eventualmente pelas pessoas idosas que coabitam na casa.

A pandemia tornou isso evidente, pois muitas mulheres estão em trabalho remoto que precisa ser conjugado com todas as atribuições domésticas naturalizadas pela “normalidade” cultural e comumente ratificadas pela tradição religiosa. Mas grande parte das mulheres não tem o privilégio de poder trabalhar em casa nessa modalidade de trabalho. Muitas perderam seus empregos e mesmo suas rendas da economia informal, o que torna esse cotidiano ainda muito mais pesado. Outras, sobretudo trabalhadoras domésticas e comerciárias, se arriscam em transportes coletivos, entrando em contato com pessoas potencialmente transmissoras, incluindo patrões e clientes, mas precisam trabalhar, pois dependem desses empregos para a sobrevivência. É emblemático que a primeira vítima de morte pela Covid-19 no Brasil foi uma diarista, Rosana Urbano, de Tiradentes/SP.¹⁶

As mulheres são as responsáveis pela economia do cuidado, e quando temos uma distribuição desigual do cuidado e trancamos as pessoas em casa – ou presumimos que as pessoas têm casa e que ela é um espaço seguro –, a centralidade do cuidado para a vida social se amplifica.¹⁷

Por outro lado, há mulheres que estão na linha de frente de hospitais e postos de saúde, especialmente enfermeiras e assistentes sociais – profissionais típicas do cuidado – e que somam 70% do contingente de profissionais que estão à frente do combate ao coronavírus.¹⁸ Essas profissionais têm familiares – mães e pais, filhas e filhos, avós e avôs – que estão em seu espaço de convívio familiar direto e que, conseqüentemente, também são colocados em risco de contágio pelo contato. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), 90% das equipes de enfermagem no mundo são compostas por mulheres, as quais representam mais da metade do sistema de saúde.

¹⁵ PASSOS, Úrsula. Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum. Entrevista com Débora Diniz. *Folha de São Paulo*, 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora-diniz.shtml?fbclid=IwAR3xgGAHpVniQTA8wmDnszhK-jcDDmlkgx9e_OKFizGeW_DlbyJZ4Y82POE>. Acesso em: 05 jul. 2020.

¹⁶ MARTINS, Elisa; ROXO, Sérgio. O drama da primeira vítima do Covid-19 no Brasil. *O Globo*. 08 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/o-drama-da-familia-da-primeira-vitima-do-coronavirus-no-pais-24575672>>. Acesso em: 11 ago. 2020. Rosana Urbano morreu em 12 de março de 2020 com diagnóstico de broncopneumonia, mas o diagnóstico de Covid-19 foi confirmado apenas 40 dias após a sua morte.

¹⁷ PASSOS, 2020.

¹⁸ SOBOLH, Telma. Violência contra a mulher: a pandemia que não cessa. *Veja Saúde*, 12 de julho de 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/violencia-contra-a-mulher-a-pandemia-que-nao-cessa>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

de global, o que as expõe de maneira direta à Covid-19.¹⁹ E, quase por ironia, 2020 é o ano internacional das enfermeiras e dos enfermeiros.

As mulheres, como responsáveis pela economia do cuidado, estão diretamente envolvidas em todos os processos de manutenção da família, do cuidado e da garantia de certo equilíbrio emocional para as pessoas mais próximas, ao mesmo tempo em que perderam mecanismos e redes de apoio, como creches, escolas, vizinhas e familiares que antes as apoiavam em necessidades e emergências, mas agora estão separadas em isolamento social.

As mulheres da economia do cuidado perderam um elo fundamental para a sobrevivência: a conexão com outras mulheres para tomar conta das crianças. As avós têm um papel fundamental para as mulheres trabalhadoras mais precarizadas e, com essa pandemia, houve a segmentação dos mais velhos.²⁰

Cuidar não é tarefa fácil e é extenuante, invisível, não valorizada e muitas vezes não remunerada por ser um trabalho típico e tradicionalmente feminino. “Cuidar é um trabalho duro, árduo, emocionalmente exigente, tenso, que sobrecarrega muito mais as mulheres do que os homens nesta sociedade patriarcal em que vivemos.”²¹ Delegar-se “naturalmente” às mulheres o cuidado na pandemia quando esse é uma questão social, coletiva, estrutural e global. As mulheres estão sobrecarregadas, exaustas, com crise de estresse, angústia e ansiedade, e não têm a quem recorrer. Há um sofrimento e um abandono das mulheres, silenciados e invisibilizados, o que os tornam muito mais doloridos. E como isso não aparece, as experiências das mulheres, mesmo que elas estejam em espaços e trabalhos cruciais, são colocadas em um “não lugar” e em uma certa distopia diante da gravidade da pandemia.

Fique em casa – quando na casa mora o perigo

Quando falamos “fique em casa”, “presumimos que todas as pessoas têm casa e que ela é um espaço seguro”, como destaca Débora Diniz²², e, ao mesmo tempo, que todas as pessoas podem ficar em casa. Como já indicamos acima, há um contingente expressivo de mulheres que estão trabalhando fora de suas casas.

¹⁹ Cf. BRAVOS, Mônica. *A linha de frente do combate à Covid-19 é feminina*. Disponível em: <<https://www.plural.jor.br/colunas/instituto-aurora/a-linha-de-frente-do-combate-ao-covid-19-e-feminina>>. Acesso em: 18 jul 2020. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Comunicado à Imprensa. La OMS y sus asociados hacen un llamamiento urgente para que se invierta en el personal de enfermería. 07 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/es/news-room/detail/07-04-2020-who-and-partners-call-for-urgent-investment-in-nurses>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

²⁰ PASSOS, 2020.

²¹ CFEMEA. O cuidado e o feminismo em tempos de pandemia. *Outras palavras*, 20 de março de 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/feminismos/o-cuidado-e-o-feminismo-em-tempos-de-pandemia>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

²² PASSOS, 2020.

O confinamento social transferiu muitas atividades laborais para o ambiente da casa e trouxe consigo uma situação problemática que faz com que muitas mulheres sejam obrigadas a conviver com homens agressores. A restrição de deslocamento traz para as mulheres a impossibilidade de visitar ou buscar refúgio em suas redes mais próximas – sejam familiares ou de amigas – e ficam expostas às mais diversas formas de violência. A violência, que já é um problema histórico, crônico, estrutural e pandêmico, conforme a ONU²³, se intensifica no contexto da pandemia.

O contexto de pandemia da Covid-19 tem intensificado a violência de gênero [...] em função do isolamento de mulheres confinadas com parceiros agressivos, que exercem sobre elas maior controle diante da sensação de maior impunidade provocada pelo isolamento.²⁴

Em abril de 2020, pouco mais de um mês depois do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, já havia aumentado em 22% o número de casos de feminicídio em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Mas há Estados cujos indicativos mostram uma situação ainda mais alarmante de casos de feminicídio, como Acre, Mato Grosso e Maranhão, onde houve um aumento de feminicídios com índices de 300%, 150% e 166%, respectivamente. Apenas nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro houve redução dos índices de feminicídio.²⁵ Dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos indicam que o quantitativo de denúncias de violência contra as mulheres recebidas no canal 180 cresceu quase 40% se comparados com o mês de abril de 2019.²⁶ Esse índice é muito alto considerando que um número considerável de mulheres não denuncia, especialmente no contexto em que precisa conviver com o agressor.

A casa não é lugar seguro para mulheres e crianças. Em média 75% de toda violência praticada contra mulheres e crianças acontece no âmbito da casa por pessoas de relação afetiva ou de convivência próxima. Para mulheres e crianças o perigo mora em casa e é justificado pela estrutura patriarcal que perdura através dos séculos. Nessa percepção, a cidadania das mulheres é anulada ou fica comprometida.

Ao falar da casa, remetemos à compreensão de *oikos* (casa no grego), não restrito ao espaço familiar, mas também onde se dão as relações de poder e relações econômicas e do qual temos a noção da economia (*oikonomia*) e ecônomo (*oikonomos* – quem administra a casa), ecumênico (*oikumenicos*), e está na raiz de ecolo-

²³ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Violência contra as mulheres é “pandemia global”, diz chefe da ONU, 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/violencia-contra-as-mulheres-e-pandemia-global-diz-chefe-da-onu>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

²⁴ TOLEDO, Eliza. O aumento da violência contra a mulher na pandemia de Covid-19: um problema histórico. *Casa de Osvaldo Cruz*. 28/04/2020. Disponível em <<http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1781-o-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-na-pandemia-de-covid-19-um-problema-historico.html#.XxN7eChKhPY>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

²⁵ FRANCO, Nadia. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia. *Agência Brasil*, 01/06/2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>>. Acesso em: 18 jul. de 2020

²⁶ SOBOLH, 2020.

gia (*oikologos*).²⁷ Neste sentido, sempre que falamos de mundo doméstico e relações familiares, sociais, econômicas e ambientais, estamos vinculando essas concepções à noção de *oikos* e almejamos a casa como espaço seguro, espaço do cuidado, de relações igualitárias e a pertinência do conceito de Casa Comum²⁸, da Pachamama, da Gaia, da Terra sem Males. É a busca de uma *ecosofia*, conceito cunhado por Félix Guattari para desconstruir a lógica do paradigma cartesiano que não ajudou a estabelecer o cuidado com o ecossistema e com as pessoas.²⁹

Partir da experiência das mulheres é valorizar essa experiência, é colocá-la no foco, é dar-lhe um lugar e um lugar de destaque, de importância, de potência. Mas é, ao mesmo tempo, descortinar as opressões cotidianas – colonialistas, racistas, econômicas e ginofóbicas – que perpassam a vida das mulheres, é o não conformismo com essa opressão, é um exercício de desconstrução para a reconstrução de outras possibilidades de experiências. E nessa desconstrução buscar uma visão feminista do cuidado, construir uma outra normalidade, sim, “não queremos voltar à ‘normalidade’, porque essa normalidade já é injusta e desigual, racista e heteropatriarcal”³⁰. Necessário se faz repensar a tradição do cuidado, que tem sido colocado nas costas das mulheres e por isso também desvalorizado pela economia do capital. Urgente se faz reconhecer a economia do cuidado como essencial para o fortalecimento e a reconstrução da vida antes, durante e pós-pandemia. Neste sentido, é necessário questionar o desequilíbrio do cuidado a partir das categorias de sexo/gênero, raça/etnia e geração e, ao mesmo tempo, apontar para o cuidado como referencial ético para o ser e estar no/e com o mundo.

Reinvenção da economia do cuidado

A pedagogia cruel do vírus, como nos diz Boaventura de Sousa Santos³¹, aponta para a sobrecarga do cuidado na vida, especialmente das mulheres pobres, imigrantes, migrantes, negras, indígenas entre outras. No ambiente doméstico, da casa, a maioria dos cuidados é realizada por mulheres: crianças, pessoas idosas, doentes, com deficiências. Não se pode esquecer que os cuidados de limpeza, roupas, cozinha tam-

²⁷ Veja STRÖHER, Marga Janete. *A igreja na casa dela*. São Leopoldo: IEPG, 1996. (Série Ensaios e Monografias, n. 12).

²⁸ Para o conceito de “Casa comum” veja: STRÖHER, Marga Janete; BENCKE, Romi Marcia. Casa Comum – diversidade e existência: um exercício de diálogo ecumênico a partir da encíclica Laudato Si’ – sobre o cuidado da casa comum. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (Org.). *Os evangélicos e o Papa – olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si’*, do Papa Francisco. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 107-113.

²⁹ GUATARRI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Papirus, 1993. Para Guattari, a perspectiva ecosófica compreende uma articulação entre as dimensões da subjetividade humana (a ecologia do ser), do meio ambiente (ecologia ambiental) e das relações sociais (ecologia social).

³⁰ SATTÁ, Paula. Reflexiones feministas en tiempos de cuarentena. *L’Ombelico del Mondo - Periodismo Internacional*, 12 de março de 2020. Disponível em: <<https://ombelico.com.ar/2020/03/12/reflexiones-feministas-en-tiempos-de-cuarentena>>. Acesso em: 28 jul. 2020. “No queremos volver a la ‘normalidad’ porque esa normalidad ya es injusta y desigual, racista y heteropatriarcal.”

³¹ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020. p. 15-16.

bém estão, na sua grande maioria, sob os ombros das mulheres. Essas tarefas essenciais para a vida produtiva e reprodutiva são pouco reconhecidas e também mal ou não remuneradas. No Brasil, a maioria das trabalhadoras domésticas são mulheres negras.

Os cuidados são um lugar privilegiado para analisar a dinâmica das desigualdades de gênero, entendendo que o gênero é uma marca de subordinação qualificada por outras variáveis, para falar, portanto, de uma dinâmica social do poder e para tratar de construir um sujeito coletivo da ação política que, de forma central, lide com as diferenças hierárquicas em seu interior. Os cuidados são um ponto estratégico a partir do qual é possível questionar a perversidade de um sistema econômico que nega a responsabilidade social na sustentabilidade da vida, e cuja manutenção precisa da exclusão e da invisibilidade – heterogênea e multidimensional – de múltiplos coletivos sociais.³²

A pandemia, portanto, está mostrando a perversidade de um sistema que nega a responsabilidade social, que envolve, por exemplo, a saúde pública. Aliás, a negação da pandemia e a naturalização das muitas mortes têm sido parte da política brasileira. Neste sentido, é fundamental visibilizar e nomear as sobrecargas da economia dos cuidados que estão sob os ombros das mulheres. Denise Pimenta nos diz que “toda pandemia é genericada, racializada e tem classe social, pode-se dizer que a crise do novo coronavírus no Brasil tem cara de mulher preta e periférica e, muitas vezes, deficiente”³³. A crise do coronavírus tem atingido todas as mulheres, mas é fundamental perceber que ela também tem aprofundado a desigualdade social. A economia dos cuidados, independentemente de classe social, raça/etnia, geração, está ancorada na vida das mulheres. Importante deixar claro o que significa a expressão “cuidados”. De acordo com filósofa Amaia Orozco, inclui

a gestão e a manutenção cotidiana da vida e da saúde, a necessidade mais básica e diária que permite a sustentabilidade da vida. O cuidado apresenta uma dupla dimensão. De um lado, é “material”, corporal, relacionado à realização de tarefas concretas com resultados tangíveis, ou seja, é atender ao corpo e a suas necessidades fisiológicas. De outro lado, é “imaterial”, afetivo-relacional, relativo ao bem-estar emocional³⁴.

O cuidado está relacionado às necessidades concretas fisiológicas do corpo (comer, vestir, dormir, higiene), mas também envolve relações afetivas, emocionais, preocupações, responsabilidades. A Covid-19 nos lembra também da necessidade do autocuidado, do uso de máscaras, da higienização constante das mãos. A sustentabilidade da vida está interligada com as relações que estabelecemos com outras pessoas,

³² OROZCO, Amaia Pérez. Ameaça tormenta: a crise dos cuidados e a reorganização do sistema econômico. In: FÁRIA, Nalu; MORENO, Renata (Orgs.). *Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia*. São Paulo: SOF, 2012. p. 84-85. (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Economia e Feminismo, 3).

³³ PIMENTA, Denise. Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. *Tessituras – Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, v. 8, p. 16-17, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18900/11446>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

³⁴ OROZCO, 2012, p. 54.

mas também com os animais e a natureza. Joan Tronto enfatiza que o cuidado envolve relações e compromissos com as outras pessoas, “representando uma crítica fundamental à teoria moral abstrata”³⁵. Neste sentido, é preciso desmitificar a condição das mulheres como “cuidadoras do mundo”³⁶.

Alicia H. Puleo também alerta que é necessário cuidar com os cuidados, pois não se trata tão somente de elogiá-los e glorificá-los, naturalizando-os como tarefas das mulheres.³⁷ Neste sentido, Puleo afirma que a filosofia ecofeminista tem assinado a importância da ética do cuidado, mas acrescentado o mundo natural à necessidade do cuidado.³⁸ A pandemia aguça nossa memória e nos faz recordar que o ser humano vive de relações, que não subsiste sem cuidados, pois é extremamente vulnerável. As mulheres não podem seguir carregando todo o peso que o mesmo acarreta.³⁹ A pandemia também aponta para uma

“crise dos cuidados” o complexo processo de desestabilização de um modelo prévio de divisão de responsabilidades sobre os cuidados e sobre a sustentabilidade da vida, o qual acarreta em uma redistribuição e reorganização do trabalho de cuidados. Esse processo está se dando, atualmente, de forma não apenas insuficiente e precária, mas também reacionária, na medida em que se baseia nos mesmos eixos de desigualdade social e invisibilidade de trabalhos e de agentes sociais que o modelo anterior apresentava. Essa crise dos cuidados tem implicações de gênero centrais, já que, em grande medida, a divisão histórica dos trabalhos de cuidados esteve associada às relações de poder de gênero. Assim, o gênero marca, profundamente, tanto os fenômenos de desequilíbrio como de reequilíbrio⁴⁰.

É necessário que a economia do cuidado seja aprendida e ensinada. Ela não é uma prática natural. Historicamente tem sido marcada pela hierarquia de gênero e também de raça/etnia. Neste sentido, Claudete Beise Ulrich aponta para as necessidades de mudanças nos modelos de famílias e nas práticas educacionais que construíram uma dicotomia dos saberes e dos fazeres do cuidado. É necessário debater a economia dos cuidados, pois envolve hierarquias, dicotomias, dualismos que necessitam ser rompidos. Necessitamos de uma reconfiguração das instituições estatais, familiares,

³⁵ TRONTO, Joan C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (Eds.). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Trad. Brita Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p. 201.

³⁶ SANTOS, 2020, p. 15.

³⁷ PULEO, Alicia H. Reflexiones ecofeministas ante la pandemia de COVID-19. *The Conversation*. Disponível em: <<https://theconversation.com/reflexiones-ecofeministas-ante-la-pandemia-de-covid-19-135159>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

³⁸ No Brasil temos muitas mulheres que lutaram, cuidando da floresta e lutando por pessoas pobres. Lembramos o exemplo da Irmã Dorothy Mae Stang. Cf. ROCHA, Abdruschin Schaeffer; ULRICH, Claudete Beise. Pathos e cuidado: Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação. *REFLEXUS – Revista de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória, n. 21, p. 37-64, 2019/1. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/981>>. Acesso em: 31 jul. 2020.

³⁹ PULEO, 2020.

⁴⁰ OROZCO, 2012, p. 53.

políticas, sociais e educacionais voltadas para uma ética que envolve a responsabilidade nas relações com as outras pessoas, com a natureza e conosco mesmos.⁴¹

Neste tempo histórico, é necessário registrar e lembrar as tantas mortes devido à doença da Covid-19 no Brasil e as tantas despedidas que não puderam ser realizadas com a presença física. Os lutos numa mesma família que podem ser múltiplos. As famílias ou pessoas enlutadas necessitam de cuidados de escuta de profissionais sejam psicólogas, assistentes sociais, teólogas, pastoras.⁴² A crise da Covid-19 também aponta para a finitude humana, para a crise da natureza, que está em dores de parto (Rm 8.16).

A pandemia é tempo também de expor a falta de cuidado na qual muitas mulheres estão expostas e que no cuidar elas também podem estar sendo vítimas do patriarcado e da necropolítica, que se reproduz sob as custas das mulheres. Falar de cuidados é falar de uma necessidade diária de todas as pessoas, ainda que em diferentes graus e dimensões, sejam físicas, psicológicas, afetivas, sociais, educacionais.

A economia do cuidado necessita ser reinventada. Não temos receitas. No entanto, entendemos que necessita ser estudada, pesquisada, discutida, refletida e dialogada de forma coletiva na perspectiva de uma mudança na forma da economia se organizar local e globalmente. Sabemos que também os homens necessitam assumir o cuidado, superando as desigualdades de gênero, de raça e classe social. É necessário lutar por políticas públicas que também assumam os cuidados, seja com as crianças, idosas, pessoas com deficiência, a saúde, a educação, a segurança, mas também com uma nova forma de se relacionar com a natureza. Cuidar, portanto, não é uma tarefa natural das mulheres. É uma construção histórica e que cabe a todas as pessoas e instituições que foram construídas no desenvolvimento histórico da humanidade. Uma nova ética de cuidado necessita de uma transformação do ser e do fazer humano. O cuidado necessita ser ensinado e aprendido nos diferentes ciclos da vida. Esse princípio ético que tem a ver com a existência humana e planetária necessita ser reinventado em nosso cotidiano pandêmico e inclusive ser considerado no modelo econômico. A vida é mais do que o mercado, baseado somente no capital.

É necessário romper com o círculo do patriarcado capitalista, hierárquico, misógino, racista, militarizado, feminicida. Puleo aponta que a verdadeira vitória que poderá impedir a repetição de pandemias está em erradicar e superar a herança patriarcal, revalorizando as tarefas do cuidado como responsabilidade de todas as pessoas para as pessoas, animais, ecossistemas, defendendo o caráter social do Estado, defendendo a saúde pública, deixando para trás um modelo de desenvolvimento insustentável e a globalização neoliberal, ecocida e genocida⁴³, e acrescentamos feminicida.

⁴¹ ULRICH, Claudete Beise. Práxis ética do cuidado e relações de gênero: alguns apontamentos para práticas educativas emancipatórias. In: NOGUEIRA, Sandra Vidal et al. (Orgs.). *Educação Popular, Democracia e Direitos Humanos: Ensaios para uma Pedagogia Universitária interdisciplinar e transversal*. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 179.

⁴² CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: Demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100508&tlng=pt>. Acesso em: 29 jul. 2020.

⁴³ PULEO, 2020.

O cuidado também envolve a sororidade, as conexões, a empatia. Marcela Lagarde y de los Ríos definiu essa conexão entre as mulheres de sororidade.

Sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças existencial e política com outras mulheres, para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher. A sororidade é a consciência crítica sobre a misoginia e é o esforço tanto pessoal quanto coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres. [...] A sororidade possibilita criar mecanismos de defesa contra agressões e qualquer forma de violência, propaga o feminismo e combate o antifeminismo (forma fundamentalista da misoginia política), além de valorizar a sexualidade feminina que têm sido tão desvalorizada para eliminá-la como suporte político das mulheres.⁴⁴

A sororidade pode ser entendida como uma dimensão ética do cuidado, que envolve a amizade entre as mulheres e a responsabilidade com a vida das mulheres. Para a transformação da ética do cuidado, são necessários debate, alianças, lutas coletivas e construções de políticas públicas. É necessário ouvir o clamor, o grito das mulheres e evidenciar que elas necessitam de cuidados e de uma política que considere a sustentabilidade da vida. É necessário tirar do silêncio os gritos sufocados e invisibilizados.

O grito uterino

As mulheres – antes do vírus e em meio ao coronavírus – são essa parte que ainda precisa bradar para ser enxergada, visibilizada, para serem sujeitos da nossa história. Pelo fato de nascer mulher (aqui significa nascer com vulva, vagina, útero e ovários), a estrutura social e cultural já nos recebe com as caixas prontas, caixas muito bem detalhadas e explicadas por Marcela Lagarde y de los Ríos em sua pesquisa magistral denominada *Los cautiverios de las Mujeres*⁴⁵, caixas que nos rotulam como: *mãe-esposas, freiras, putas, presas y locas*, segundo nosso comportamento. Em uma, em duas ou em todas essas caixas, se nos exige entrar e ficar quietinhas para agradar. Cativerios/caixas que são a barganha com que nos foi e é permitido existir.

Aquelas que ousaram e que ainda ousam a transgressão desaparecem: de-sa-pa-re-cem (há muitas formas de apagamento!). No passado esse desaparecer se dava na fogueira, nos manicômios, nos quartos de clausura. No presente as mulheres desaparecem pelo tráfico humano, pela venda, pelos feminicídios. Mas há também o apagamento pelo parâmetro sexo, aquele que, nas palavras de Amelia Valcárcel, define no

⁴⁴ LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. Definindo sororidade. Adaptado de Maiara Moreira de RÍOS, Marcela Lagarde y de los Sororidad. In: GAMBÁ, Susana Beatriz. *Diccionario de estudios de género y feminismos*. Buenos Aires: 2009. Disponível em: <<https://we.riseup.net/rad/fem/definindo-sororidade-marcela-lagarde>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

⁴⁵ LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Los Cautiverios de las mujeres*: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4ta ed. Ciudad de México: UNAM, 2005.

mundo que é o que alguém pode ou não fazer; onde pode ser feito e qual o mundo lhe foi concedido ao nascer. É dizer, o sexo constitui o limite do mundo para a maior parte dos sujeitos.⁴⁶ O apagamento das mulheres, afirma Ana de Miguel, hoje se dá a partir de

teorias que chegam dos EUA e da Inglaterra – biopolítica – e que têm seu cerne na corporificação e na sexualização ao extremo. Um movimento/teoria que se autoetiqueta transgressor e cacareja que somos corpo, somos corpo sem reconhecer que antes de ser corpo somos autoconsciência, e que justo por essa autoconsciência é que reconhecemos que temos um corpo [...] há um neoliberalismo interessado que nós mulheres pensemos em nós como corpos para legalizar a prostituição, as barrigas de aluguel. Uma teoria *queer* que se diz transgressora, mas que não transgride o sistema capitalista, não transgride as grandes desigualdades econômicas [...]. É urgente combater a desigualdade econômica, mas a desigualdade ontológica não pode ficar de lado⁴⁷.

Para as mulheres se dar bem no mundo masculino, na estrutura criada por machos e que funciona exclusivamente para agrado primário dos machos, é preciso, de alguma maneira, pactuar com eles, que acreditam piamente serem *o genericamente humano*⁴⁸. Esses, por sinal, não são alheios a nós mulheres, eles são nossos pais, nossos irmãos, nossos primos, nossos tios, nossos esposos, esses machos são nossos filhos. E esses machos matam, esses machos são feminicidas, alguns de fato, outros “em sublime potencial”, amparados no sistema de dominação patriarcal. Justo por não serem alheios, como também foi aqui trabalhado e apresentado, se espera e se exige de nós sempre cuidados. Nós mulheres fomos e somos socializadas para o cuidado. Não importa como é ou como tenha sido o comportamento deles... A tradição diz para re- levar, esconder, entender e sempre, sempre cuidar. E ficamos em silêncio, competindo por maior subordinação para sermos principalmente boas, porque só sendo em extremo boas (leia-se não histéricas e sim comportadas), não teremos permanentes culpas para carregar, “a culpa das mulheres é a maior ferramenta de controle patriarcal”⁴⁹.

Quais são nossos silêncios? Por que calamos? Por que temos calado a vida toda? Por que preferimos não gritar ou gritar baixo? Por que sempre competimos entre nós? Que significa patriarcado? Que significa poder? Que tem feito o patriarcado em nossas vidas? Que continua fazendo? Por que temos falado “amém” apesar de saber? As respostas estão na Cidade de Christine de Pizan, de 1405; estão nas páginas queimadas ou salvas de Sor Juana Inés de la Cruz (1651); estão na “amorosa- morte” de La niña de Guatemala (1878) ou no suicídio de Alfonsina Storni (1938); estão na Declaração de Olympe de Gouges guilhotinada (1791) ou nas Vindicações de Mary Wollstonecraft (1792); estão na humilhação da Mileva Maric pelo ex-esposo

⁴⁶ VALCÁRCEL, Amelia. *Ahora Feminismo: cuestiones candentes y frentes abiertos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2019. p. 104, 122 e 248.

⁴⁷ MIGUEL, ANA de. *Feminismo y Marxismo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AweiT36nM9s>>. (1:14:17). Acesso em: 29 jul. 2020.

⁴⁸ AMORÓS, Celia. *Crítica a la razón patriarcal*. Barcelona: Antropos Editorial del hombre, 1985.

⁴⁹ PHILIPPSEN, Carlota. *Activismo Feminista y Ciberseguridad em las redes*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/WomensDeclarationSpanish>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

Albert Einstein na carta “condições a,b,c,d” (aprox. 1917); no apagamento de Camille Claudel pelo marido August Rodin e pelos círculos de arte oficial (séc. XX); estão nas “manipulações militantes” sofridas por Rosa Luxemburgo (1919) ou Alexandra Kollantay (1921); estão nos dois tomos de *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir (1949); estão no amor “incondicional” de Celia Sanchez Mandulei (1958); estão na *Crítica a la razón patriarcal* de Celia Amorós (1991); estão no *Grito que rompeu o silêncio* de Ivone Gebara (2000); estão no golpe perpetrado à presidenta Dilma Vana Rousseff (2016); estão espelhadas no Cavalo de Troia, recente alerta da sábia Amélia Valcárcel (2019). Para rememorar algumas...

E entramos na modernidade, líquida segundo Bauman.⁵⁰ Líquida para quem? – perguntamos nós. E com essa modernidade ou pós-modernidade, de verdades ou pós-verdades, de feministas fartas e de feministas (alguns oportunistas, bajuladores e usurpadores) chegam saltitantes as palavras-moda, o *marketing*, a falsa liberdade, as modificações do corpo não aceito, a miragem de ter finalmente voz e vez como mulheres no mundo. Resumindo, o presente oferece uma nova embalagem ao conteúdo velho da miserável vida que as mulheres e meninas sempre tiveram. A “severina” vida que, em toda latitude ou paralelo, é replicada exigindo como aparência hipócrita um ar de tranquilidade, pureza e decência, assim como também exige um sorriso, uma figura jovem e maleada, um cabelo cumprido, um decote na medida, uma saia abaixo do joelho, um sutiã (mordaça dos seios), um véu, uma burca!

Happy hours e *coffee breaks* já são coisas do passado, o tempo pandemia trouxe para as mulheres – como tacto vaginal sem lubrificante – o *home office*, reuniões *on-line*, *workshop* no *zoom*, *meet* ou *teams*, as *lives*, as *webinar*... e com a nova imposição veio embutida: se escuta bem? A luz é boa? Qual o público? Como falo? Como pronuncio? Como apresento? Que tempo tenho? Para logo após entender que nada disso, na verdade, importa, a receita imediata da quantificação/mercado impõe um “não pense: apareça, sorria, acene e fale qualquer coisa!”. E a língua estranha, que nem sempre traz tradução, que diz pouco ou que não diz nada, penetra em nós como novo falo estuprando no tempo da pandemia. A violência continua, “a violência do espaço físico se reproduz com efetividade no ciberespaço”⁵¹.

No momento em que escrevemos este texto, os óbitos contabilizados pela Covid-19 no Brasil passam de 145 mil (setembro 2020). Apaga-se o nome, fala-se em números. Números que num saco plástico, num relatório governamental, num uniforme ou na pele agem da mesma maneira: retirando identidade e humanidade. E como denunciado nas primeiras páginas deste artigo, a maioria nas estatísticas de morte, os maiores números na contaminação, a maioria nos números do desemprego, as do trabalho informal, as que estão na linha de frente no atendimento e no cuidado “coincidem” com as que amamentam, as que menstruam, as que engravidam, as que parem.

⁵⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁵¹ PHILIPPSEN, Carlota. *Activismo Feminista y Ciberseguridad em las redes*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/WomensDeclarationSpanish>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

O Relógio da Violência⁵² do Instituto Maria da Penha – nome da Lei 11340/2006 para coibir e prevenir a violência doméstica que justo completa 14 anos desde sua implementação, indica que agora, setembro de 2020, paralelo ao coronavírus, no país não há trégua:

- a cada 2 segundos, uma mulher é vítima de violência física ou verbal;
- a cada 1.4 segundo, uma mulher é vítima de assédio;
- a cada 6.3 segundos, uma mulher é vítima de ameaça de violência;
- a cada 6.9 segundos, uma mulher é vítima de perseguição;
- a cada 7.2 segundos, uma mulher é vítima de violência física;
- a cada 16.6 segundos, uma mulher é vítima de ameaça com faca ou arma de fogo;
- a cada 22.5 segundos, uma mulher é vítima de espancamento ou tentativa de estrangulamento.

O relógio não para! Dados da ONU apontam um aumento da violência física ou sexual em 2019. Uma em cada cinco mulheres foi vítima da violência machista no mundo. Somos a metade da população no planeta, e seguindo relatórios da Organização Internacional do Trabalho (OIT)⁵³, corroboramos que 606 milhões de mulheres em idade laboral realizam um trabalho de cuidado não remunerado em tempo integral, e que para mudar essa brecha de gênero levará 209 anos. Há uma feminilização da migração e há, também, uma feminilização da pobreza, de cem pessoas pobres no mundo, 80 são mulheres. O tráfico e a venda de mulheres e meninas também apresentam cifras alarmantes. Especialmente nas últimas décadas, estamos assistindo ao intento de apagamento, como explicou Ana de Miguel, camuflado pelo ascenso de uma tal diversidade que tem embasado o desmonte de muitas das políticas públicas que, nos diferentes países, a luta das mulheres tinha conquistado e garantido.

Considerações finais

Esse é o cenário da Casa Comum para nós em tempos de pandemia, cenário que impõe redes de alerta, denúncia e cuidado no intuito de sobreviver no espaço privado, no espaço público e no espaço virtual. Mas não é suficiente, continuamos sendo as “Sofias” no capítulo quinto do *Emilio* de Jean Jacques Rousseau⁵⁴, mesmo que desde as sufragistas tenhamos como pauta de agenda a liberdade, a igualdade e a solidariedade entre homens e mulheres.

Para um mundo-futuro em que muitos homens assinalam e vaticinam dois possíveis desfechos para as próximas gerações: a extinção ou o escape a outros planetas. As mulheres, por meio do ecofeminismo, rompam com essa dicotomia fatídica e

⁵² INSTITUTO MARIA DA PENHA. *Relógios da Violência*. Disponível em: <<https://www.relogiosdaviolencia.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

⁵³ ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Un passo decisivo para la igualdad de género: en pos de un mejor futuro del trabajo para todos. *Informe OIT*, p. 14. Disponível em: <https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_725969/lang--es/index.htm>. Acesso em: 28 set. 2020.

⁵⁴ ROUSSEAU, Jean Jacques. *El Emilio o de la educación*. EDAF. Madrid: Jorge Juan, 1981. (Biblioteca EDAF 33).

apontam uma terceira opção: ficamos e protegeremos a terra.⁵⁵ Esse ficar requer uma mudança total de paradigmas, rebatendo as leis do mercado e a lógica neoliberal. Esse proteger requer um estilo de vida em comum-união entre a Gaia e todos os seres vivos que nela habitam.

Por lo tanto, una relación sana entre nosotros y con la Tierra exige una nueva consciencia, una nueva cultura simbólica y una nueva espiritualidad. Necesitamos cambiar nuestra propia psique y la manera como simbolizamos las interrelaciones entre hombres y mujeres, los seres humanos y la Tierra, los seres humanos y lo divino, y lo divino y la Tierra. La recuperación ecológica es un proceso teológico y psíquico-espiritual.⁵⁶

O futuro justo e sustentável para o qual se precisa de rupturas radicais e urgentes aflora com o grito uterino no presente, um presente ainda carregado pelas vindicações do passado. É o grito uterino de mulheres feministas que sem receio e de dissimiles maneiras bradam!

Referências

A FACE DA PANDEMIA que só as mulheres enfrentam. *Veja Saúde*. Editorial. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/podcast/a-face-da-pandemia-que-so-as-mulheres-enfrenta>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

AMORÓS, Celia. *Crítica a la razón patriarcal*. Barcelona: Antropos Editorial del hombre, 1985.

ARAÚJO, Marília. *Como será o mundo pós pandemia?* Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/como-sera-o-mundo-pos-pandemia-pesquisadora-da-unb-aposta-em-novos-valores-para-humanidade/>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.

_____. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2.

BEVILACQUA, Paula Dias. *Mulheres, violência e pandemia de coronavírus*. Fiocruz, 2020. Disponível em: <<http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/artigo-mulheres-violencia-e-pandemia-de-coronavirus/>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

BRAVOS, Mônica. *A linha de frente do combate à Covid-19 é feminina*. Disponível em: <<https://www.plural.jor.br/colunas/instituto-aurora/a-linha-de-frente-do-combate-ao-covid-19-e-feminina/>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: Demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100508&tlng=pt>. Acesso em: 29 jul. 2020.

FRANCO, Nadia. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia. *Agência Brasil*, 01/06/2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/>>

⁵⁵ SHIVA, Vandana. *Manifiesto para una democracia de la tierra: justicia, sostenibilidad y paz*. Trad. Albino Santos Mosquera. Barcelona: Paidós, 2006.

⁵⁶ RUETHER, Rosemary Radford. *Gaya y Dios*. Una Teología ecofeminista para la recuperación de la tierra. México: DEMAC, 1993. p. 16.

- noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia>. Acesso em: 18 jul. 2020.
- GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*. São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- _____. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GOUGES, Olympe de. *Declaración Derechos de la Mujer y la Ciudadana*. (1791).
- GUATARRI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Papirus, 1993.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- INSTITUTO MARIA DA PENHA. *Relógios da Violência*. Disponível em: <<https://www.relogiosdaviolencia.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. *Los Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4ta ed. Ciudad de México: UNAM, 2005.
- _____. Definindo sororidade. Adaptado de Maiara Moreira de RÍOS, Marcela Lagarde y de los Sororidad. In: GAMBA, Susana Beatriz. *Diccionario de estudios de género y feminismos*. Buenos Aires, 2009. Disponível em: <<https://we.riseup.net/radferm/definindo-sororidade-marcela-lagarde>>. Acesso em: 10 nov. 2018.
- LANTYER, Victor Habib. Teletrabalho e home office no contexto do coronavírus (covid-19). Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/81903/teletrabalho-e-home-office-no-contexto-do-coronavirus-covid-19>>. Acesso em: 27 set. 2020.
- MATOSINHOS, Isabella; ARAÚJO, Isabela. Por que a violência contra a mulher cresce durante a pandemia da COVID-19? *Justificando*, 02 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.justificando.com/2020/07/02/por-que-a-violencia-contra-a-mulher-cresce-durante-a-pandemia-da-covid-19/>>. Acesso em: 18 jul. 2020.
- MIGUEL, Ana de. *Feminismo y Marxismo*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AweiT36nM9s>>. (1:14:17). Acesso em: 29 jul. 2020.
- NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette; BENCKE, Romi Márcia (Orgs.). *Presidenta Dilma: en sororidad – mujeres rescatan la historia*. São Leopoldo: Karywa, 2017. v. 300. 160 p.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Violência contra as mulheres é “pandemia global”, diz chefe da ONU. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/violencia-contra-as-mulheres-e-pandemia-global-diz-chefe-da-onu/>>. Acesso em: 18 jul. 2020.
- _____. Comunicado à Imprensa. *La OMS y sus asociados hacen un llamamiento urgente para que se invierta en el personal de enfermería*. 7 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.who.int/es/news-room/detail/07-04-2020-who-and-partners-call-for-urgent-investment-in-nurses>>. Acesso em: 18 de jul. 2020.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Un paso decisivo para la igualdad de género: en pos de un mejor futuro del trabajo para todos. *Informe OIT*. Disponível em: <https://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_725969/lang-es/index.htm>. Acesso em: 28 set. 2020.
- OROZCO, Amaia Pérez. Ameaça tormenta: a crise dos cuidados e a reorganização do sistema econômico. In: FARIA, Nalu; MORENO, Renata (Orgs.). *Análises feministas: outro olhar sobre a economia e a ecologia*. São Paulo: SOF, 2012. p. 51-93. (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Economia e Feminismo, 3).
- PASSOS, Úrsula. Mundo pós-pandemia terá valores feministas no vocabulário comum. Entrevista com Débora Diniz, *Folha de São Paulo*, 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora-diniz.shtml?fbclid=IwAR3xgGAHpVniQTA8wmDnszhK-jcDDmIkqx9e_OKFizGeW_DIbyJZ4Y82POE>. Acesso em: 05 jul. 2020
- PHILIPPSSEN, Carlota. *Activismo Feminista y Ciberseguridad em las redes*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/WomensDeclarationSpanish.Webinar>>. Acesso em: 16 ago. 2020.

- PIMENTA, Denise. Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. *Tessituras – Revista de Antropologia e Arqueologia*, Pelotas, v. 8, p. 8-19, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/18900/11446>>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- PULEO, Alicia H. Reflexiones ecofeministas ante la pandemia de COVID-19. *The Conversation*, 18 abril de 2020. Disponível em: <<https://theconversation.com/reflexiones-ecofeministas-ante-la-pandemia-de-covid-19-135159>>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- ROCHA, Abdruschin Schaeffer; ULRICH, Claudete Beise. Pathos e cuidado: Dorothy Mae Stang e o cuidado como afetação. *REFLEXUS – Revista de Teologia e Ciências das Religiões*, Vitória, n. 21, p. 37-64, 2019/1. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/981>>. Acesso em: 31 jul. 2020.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *El Emilio o de la educación*. EDAF. Madrid: Jorge Juan, 1981. (Biblioteca EDAF 33).
- RUETHER, Rosemary R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal; IEPG, 1993.
- _____. *Gaya y Dios. Una Teología ecofeminista para la recuperación de la tierra*. México: DEMAC, 1993.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.
- SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite da; SOUZA, Mara Coelho de Lago; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). *Falas de gênero: teorias, análises, leitura*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998. p. 21-55.
- SHIVA, Vandana. *Manifiesto para una democracia de la tierra: justicia, sostenibilidad y paz*. Trad. Albino Santos Mosquera. Barcelona: Paidós, 2006.
- SOBOLH, Telma. Violência contra a mulher: a pandemia que não cessa. *Veja Saúde*, 12 de julho de 2020. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/violencia-contra-a-mulher-a-pandemia-que-nao-cessa/>>. Acesso em: 18 jul. 2020.
- STRÖHER, Marga Janete. *A igreja na casa dela*. São Leopoldo: IEPG, 1996. (Série Ensaios e Monografias, n. 12).
- STRÖHER, Marga Janete; BENCKE, Romi Marcia. Casa Comum – diversidade e existência: um exercício de diálogo ecumênico a partir da encíclica Laudato Si’ – sobre o cuidado da casa comum. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (Org.). *Os evangélicos e o Papa – olhares de lideranças evangélicas sobre a Encíclica Laudato Si’, do Papa Francisco*. São Paulo: Reflexão, 2016. p. 107-113.
- TOLEDO, Eliza. *O aumento da violência contra a mulher na pandemia de Covid-19: um problema histórico*. Casa de Osvaldo Cruz. 28/04/2020. Disponível em: <<http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1781-o-aumento-da-violencia-contra-a-mulher-na-pandemia-de-covid-19-um-problema-historico.html#.XxNtChKhPY>>. Acesso em: 05 jul. 2020.
- TRONTO, Joan C. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. (eds.). *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Trad. Brita Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p. 186-203.
- ULRICH, Claudete Beise. Práxis ética do cuidado e relações de gênero: alguns apontamentos para práticas educativas emancipatórias. In: NOGUEIRA, Sandra Vidal et al. (Orgs.). *Educação Popular, Democracia e Direitos Humanos: Ensaios para uma Pedagogia Universitária interdisciplinar e transversal*. Ijuí: Unijuí, 2015. p. 173-186.
- VALCÁRCEL, Amélia. *Ahora Feminismo: cuestiones candentes y frentes abiertos*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2019.
- WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindication of the rights of woman*. Edited with an introduction by Miriam Kramnick. New York: Penguin, 1983.